

Teses sobre a linguagem do filósofo

Theodor W. Adorno

205

Artefilosofia, Ouro Preto, n. 9, p. 205-209, out. 2010

1. A distinção entre forma e conteúdo da linguagem filosófica não é uma disjunção eterna e sem história. Ela remete especificamente ao pensamento idealista: corresponde à distinção idealista de forma e conteúdo do conhecimento. Ela é baseada na noção de que os conceitos, e com eles as palavras, são abreviaturas de uma multiplicidade de propriedades, cuja unidade seria constituída meramente pela consciência. Se a unidade do múltiplo é impressa como forma pelo sujeito, essa forma é necessariamente pensada como algo que se pode abstrair do conteúdo. No âmbito das coisas, essa separabilidade é negada, na medida em que se supõe que as coisas mesmas já sejam produtos unicamente da subjetividade. No âmbito da linguagem, essa abstração não se deixa disfarçar. Que as coisas possam ser nomeadas arbitrariamente é um signo de toda coisificação¹ promovida pela consciência idealista: face à linguagem, a pretensa objetividade de sua constituição espiritual permanece formal e não é capaz de determinar a configuração linguística (*Sprachgestalt*). Para um pensamento que concebe as coisas exclusivamente como funções do pensamento, os nomes tornaram-se arbitrários: eles são livres posições da consciência. A “contingência” ôntica da unidade do conceito, subjetivamente constituída, torna-se evidente na permutabilidade de seus nomes. No idealismo, os nomes estão numa relação meramente representativa imagética, não numa relação concretamente coisal (*konkret sachlicher*) com aquilo que é visado por eles. Para um pensamento que não mais deseja reconhecer a autonomia e a espontaneidade como o fundamento legítimo do conhecimento, a contingência da correlação significativa de linguagem e coisa tornou-se radicalmente problemática.

2. A linguagem filosófica, que pretende a verdade, desconhece quaisquer *Signa*. Por meio da linguagem, a história ganha participação na verdade, e as palavras jamais são meros signos daquilo que é pensado sob elas; contudo, nas palavras a história irrompe, formando seu caráter de verdade; a parte da história na palavra determina infalivelmente a escolha de cada palavra, porque história e verdade encontram-se na palavra.

3. A linguagem da filosofia é prefigurada pelo seu conteúdo coisal². O filósofo não deve expressar pensamentos fazendo escolhas; antes, ele tem de encontrar as únicas palavras que são legitimadas pelo estágio da verdade nelas; palavras que carregam a intenção que o filósofo quer enunciar e que não é capaz de dizer de outro modo a não ser acertando a palavra que essa verdade habita na hora histórica.

¹ *Verdinglichung*, que se poderia traduzir também como “reificação”, no sentido marxista e luckásiano que é levado em conta por Adorno (cf. a tese 9, abaixo). Preferimos manter “coisificação”, pois Adorno joga aqui com “Ding”, coisa, e “Verdinglichung”, o processo de coisificação inerente a certo uso restritivo da linguagem.

² *Sachhaltigkeit*. Optamos por seguir a tradução brasileira da *Dialética Negativa*, uma vez que, aqui, como em toda a sua obra, Adorno tem em mente a relação com a coisa (*Beziehung zu der Sache*) e a proximidade aos conteúdos objetivos (*Sachgehalten*), como tarefa e meta do pensamento filosófico. Cf. ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova e revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009, p. 24, 37.

4. A exigência de “inteligibilidade” (*Veständlichkeit*) da linguagem filosófica, sua comunicabilidade social é idealista, advém necessariamente do caráter significativo da linguagem; estabelece que a linguagem possa abstrair-se do objeto, motivo pelo qual o mesmo objeto possa ser dado adequadamente, de diversas maneiras. Os objetos, no entanto, por meio da linguagem, de modo algum são dados adequadamente, e sim aderem à linguagem e permanecem em uma unidade histórica com a linguagem. Em uma sociedade homogênea, a inteligibilidade da linguagem filosófica nunca é exigida, na melhor das hipóteses, no entanto, ela já é preestabelecida: quando o poder ontológico das palavras vai tão longe que alcança uma dignidade objetiva no social. Essa objetividade³ (*Objektivität*) jamais resulta de uma adaptação da linguagem filosófica ao entendimento da sociedade. Antes, a objetividade, que torna a linguagem “inteligível”, é a mesma que as palavras designam, com clareza, aos filósofos. Ela não poderá ser exigida: onde se tornou problemática, ela é inexistente, e tão pouco pre-determinada para o filósofo quanto algo que deva ser meramente registrado pela sociedade. A exigência idealista abstrata da adequação da linguagem ao objeto e à sociedade é o exato contrário da realidade linguística. Em uma sociedade atomizada, em desintegração, constituir a linguagem para ser ouvido simula romanticamente um estágio de obrigatoriedade ontológica das palavras – que é imediatamente desmentido pela própria impotência das palavras. Sem a noção de uma sociedade fechada não há como falar de uma linguagem objetiva, e, portanto, de uma linguagem verdadeiramente inteligível.

5. A pretensa inteligibilidade da linguagem filosófica em toda parte se revela hoje como logro. Ela ou é algo banal – põe, assim, palavras de maneira ingênua, como preestabelecidas e válidas, cuja relação com o objeto, na verdade, se tornou problemática – ou é falsa, na medida em que procede de modo a escamotear aquela problemática: usa o *pathos* das palavras, que aparece liberado da dinâmica histórica, para reivindicar uma validade e uma inteligibilidade anistórica das palavras. A única inteligibilidade legítima da linguagem filosófica hoje é a da rigorosa consonância (*Übereinstimmung*) com as coisas visadas, e o fiel emprego das palavras de acordo com o estágio histórico da verdade que há nelas. Toda aquela inteligibilidade, almejada intencionalmente, é radicalmente entregue à crítica da linguagem.

6. Contra isto: um procedimento que examina a problemática histórica das palavras, porquanto aspire a evitá-la, na medida em que procura constituir uma nova linguagem da filosofia a partir dos entes particulares é igualmente inadmissível. A linguagem de Heidegger foge da história, sem, na verdade, escapar a ela. Os lugares que a sua terminologia ocupa são, todos eles, sítios da terminologia filosófico-teológica tradicional, que tremeluz e pré-forma as palavras, antes que elas surjam. Enquanto isso, a linguagem manifesta de Heidegger falha – em relação dialética com

³ Note-se, aqui, que Adorno aponta para a diferença entre inteligibilidade (*Veständlichkeit*) e objetividade (*Objektivität*) da linguagem. Aquela, uma exigência meramente comunicativa de clareza, e esta, uma exigência que advém da própria coisa visada pelo pensamento. Sobre o aspecto social subjacente a essa questão, lembre-se a advertência de Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*: “O medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos [...] é exatamente o mesmo medo do desvio social. Essas usanças também definem o conceito de clareza (*Klarheit*) na linguagem e no pensamento a que a arte, a literatura e a filosofia devem se conformar hoje”. Cf. ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 13.

a linguagem tradicional da filosofia – em expor completamente a desintegração da linguagem filosófica. A linguagem livremente posta levanta a pretensão de uma liberdade do filósofo da coerção da história, que já é refutada de modo imanente, em Heidegger, por força da intelecção sobre a necessidade de comportar-se de modo crítico para com essa linguagem, uma vez que sua problemática real só tem fundamento na história. A terminologia tradicional, mesmo em destroços, é para ser conservada, e, hoje, as novas palavras do filósofo constituem-se somente a partir da modificação da configuração das palavras que estão na história; não através da invenção de uma linguagem que, embora reconheça o poder da história sobre a palavra, procura, no entanto, evitá-lo por meio do recurso a uma “concretude” (*Konkretheit*) privada, a qual apenas aparentemente está garantida diante da história.

7. O filósofo encontra-se hoje face à linguagem em ruínas. Seu material são os escombros das palavras, que o vinculam à história. Sua liberdade é somente a possibilidade de sua configuração conforme o impulso de verdade que há nelas. Ele tampouco pode pensar uma palavra como algo preestabelecido quanto inventar uma palavra.

8. O procedimento linguístico do filósofo, que, hoje em dia, dificilmente pode ser designado em termos abstratos, em todo caso, pode ser pensado somente de modo dialético. Para suas intenções autênticas, no estágio social presente, não há palavras preestabelecidas; e as palavras objetivamente disponíveis da filosofia estão esvaziadas de substância, não possuem um caráter obrigatório para ele. A tentativa de comunicar claramente novos conteúdos (*Gehalte*) na velha linguagem sofre do pressuposto idealista da dissociabilidade de forma e conteúdo (*Inhalt*) e é, assim, ilegítima face à coisa (*sachlich*): falsifica os conteúdos (*Gehalte*)⁴. Para ele, não resta outra esperança a não ser dispor as palavras ao redor da nova verdade, de modo que sua mera configuração produza a nova verdade. Esse procedimento não é para ser identificado com o propósito de “explicar” novas verdades por meio de palavras tradicionais: a linguagem configuradora terá, antes, de evitar completamente o procedimento explícito que pressupõe a dignidade intacta das palavras. Em relação às palavras tradicionais e à intenção subjetiva sem linguagem (*sprachlosen*), a configuração (*Konfiguration*) é um terceiro. Um terceiro não por mediação. Pois não se trata, como poderia se supor, de objetivar a intenção por meio da linguagem. Antes, a linguagem configuradora significa um terceiro, enquanto unidade dialeticamente entrelaçada e explicativamente indissolúvel de conceito e coisa (*Sache*). A indissolubilidade explicativa de tal unidade, que foge das categorias da lógica extensional, determina hoje, de modo imperativo, a dificuldade radical de toda linguagem filosófica séria.

9. Na esfera da dualidade forma-conteúdo, a linguagem da filosofia gostaria de fazer-se indiferente, pois justamente sua irrelvância foi prefigurada pela estrutura específica do pensamento

⁴ Preferimos manter *Gehalt* como “conteúdo”, e não como “teor”, tendo em vista o aspecto visado por Adorno, que é o da substancialidade (*Sachhaltigkeit*) da formulação linguística em filosofia.

reificado (*verdinglichten Denkens*). Hoje, sua parcela na fundação do conhecimento – parcela que permanecia latente também no período idealista, uma vez que a ausência de linguagem (*Sprachlosigkeit*) daquela época minava todo conteúdo coisal (*Sachhaltigkeit*) – é novamente manifesta. Toda crítica filosófica é possível hoje como crítica da linguagem. Essa crítica da linguagem não deve atingir apenas a “adequação” das palavras às coisas, mas antes, igualmente, deve alcançar a condição das palavras a partir delas mesmas. Trata-se de perguntar em que medida as palavras são capazes de veicular as intenções que se esperam delas; sobre o quanto sua força foi apagada historicamente; sobre até onde elas serão capazes de conservar algo configurador. Critério disso é, essencialmente, a dignidade *estética* das palavras. Palavras impotentes são reconhecidas aquelas que, na obra de arte de linguagem (*sprachlich*) – a única que preservou a unidade de palavra e coisa, em contraste com o dualismo cientificista –, foram derrubadas integralmente pela crítica estética, enquanto até hoje gozam irrestritamente dos favores filosóficos. Disso resulta um significado constitutivo da crítica estética para o conhecimento. A ela corresponde que a arte autêntica não mais possui, hoje, caráter metafísico, mas, antes, se volta de modo imediato para a exposição (*Darstellung*) de conteúdos de ser efetivos. O significado crescente da crítica filosófica da linguagem deixa-se formular como convergência incipiente de arte e conhecimento. Enquanto a filosofia deve se voltar para a unidade imediata de linguagem e verdade, pensada, até agora, apenas esteticamente, tendo que medir sua verdade dialeticamente na linguagem, a arte alcança um caráter de conhecimento: sua linguagem somente é esteticamente coerente (*stimmig*) quando ela é “verdadeira”: quando suas palavras estão de acordo como a condição histórica objetiva do existente.

10. A estrutura objetiva (*sachliche*) de uma formação filosófica pode estar em uma relação configurada de tensão, no mínimo, com sua estrutura linguística, onde ambas não coincidem. Um pensamento que aparece com a pretensão de doar, a partir de si, conteúdos ontológicos, usando, no entanto, a forma das definições lógicas extensionais, das deduções idealístico-sistemáticas, das relações abstratas superficiais, possui não apenas uma forma linguística inadequada, mas é também objetivamente (*sachlich*) falso: pois os alegados resultados ontológicos não possuem a força para alinhar-se à cadeia de pensamentos que, antes, permanecem transcendentemente, como intenções flutuantes, opostos à *forma* do pensamento (*Denkform*). Esse tipo de pensamento se deixa rastrear até a menor célula do procedimento linguístico: a linguagem passa a ser a identificação correta do significado. Poder-se-ia criticar, por exemplo, como Scheler faz exceção de qualquer conteúdo coisal (*Sachhaltigkeit*), mostrando que a demarcação ontológica das ideias, umas das outras, que ele propõe, contrapõe-se ao modo de exposição (*Darstellungsverfahren*) que usa sempre os meios lógicos de dedução e silogismo, que “constrói” antinomias abstratas en-

tre as ideias e, particularmente, de modo intacto, adota em suas pesquisas materiais a gasta linguagem justamente daquela ciência nominalista da qual ele se declarou, filosoficamente falando, um inimigo mortal. Por meio da análise da linguagem de Scheler poder-se-ia mostrar a inadequação de seu propósito ontológico ao arcabouço epistêmico de que ele dispõe, ou, dito de modo menos psicológico: a impossibilidade da constituição de uma pura ordenação do ser com os meios da *ratio* emancipada. Toda ontologia enganosa é para ser especialmente desmascarada por meio da crítica da linguagem.

Tradução: Douglas Garcia Alves Júnior
Revisão: Georg Otte

